

**APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ POÉTICAS NEGRAS: AFROBRASILIDADES NAS ARTES**

Profa. Dra. Ana Maria Rufino Gillies<sup>1</sup>  
Profa. Dra. Daia Moura<sup>2</sup>  
Prof. Dr. Danilo Ventania Silveira<sup>3</sup>  
Prof. Dr. Edson Santos Silva<sup>4</sup>

Nossa gente foi violentada, vilipendiada, coisificada, desrespeitada, estereotipada, inferiorizada, mas usada, explorada para, com seu trabalho, seus corpos, seus saberes, suas culturas, suas tecnologias produzirem, como o fizeram, a riqueza de nações como o Brasil, a Grã-Bretanha, a França, a Holanda e, claro, Portugal. Não satisfeitos com esse processo exploratório que incidia diretamente sobre os corpos negros, um cuidadoso processo de construção de diferenças foi tecido no campo das artes visuais, mais particularmente, com imagens nas pinturas de retrato. Criando todo um aparato teórico atribuindo significados às cores preta e branca, negros e negras figuraram em retratos ao lado de aristocratas franceses e britânicos, por exemplo, representados como serviçais escravizados, usualmente portando um *dog collar* de prata e com expressão dócil e servil – uma invenção que não correspondeu às formas de resistências - como relata o estudo realizado pela historiadora francesa Anne Lafont (2023). Não obstante essa política colonialista de representação visual e social, uma ampla reação de sujeitos afro-diaspóricos espalhados pelo mundo atlântico, honrando sua/nossa imortal resistência e capacidade de re-existências, vem ressignificando nosso papel histórico e a representação de nossas imagens, visibilizando a produção nas artes visuais e no cinema, reivindicando nossa presença em lugares de memória pública, propondo outros futuros possíveis, problematizando estereótipos, discutindo e propondo práticas antirracistas. O que queremos, negros e negras? Reconhecimento, respeito,

---

<sup>1</sup> Professora Associada da Universidade Estadual do Paraná, Campus II Curitiba, Faculdade de Artes do Paraná, Curso de Licenciatura em Artes Visuais e Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo.

<sup>2</sup> Doutora e mestra em educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. Co-criadora da Plataforma de Pesquisas Cênicas Cunhãntã e do Projeto Entre de Performance e Realidade Virtual.

<sup>3</sup> Professor da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Doutor e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo – USP. Chefe da Divisão de Direitos Humanos da UNESPAR.

<sup>4</sup> Professor Associado da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, Paraná, Campus Irati, onde atua na graduação do curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Irati e Guarapuava.

equidade, políticas públicas que contemplem os princípios dos Direitos Humanos. É o que se evidencia na produção e nas reflexões sobre negros e negras nas artes ao longo do mundo atlântico que nos engloba.

O Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em 18 de junho de 1978, tinha com um dos seus objetivos defender a comunidade afro-brasileira do racismo, do desrespeito humano, além de organizar o ativismo no país e levar a população negra a ocupar todos os espaços da sociedade. Com efeito, a carta de princípios do MNU teve e tem uma importância de grande relevância para a efetivação desses objetivos, a começar por evidenciar em seu primeiro parágrafo o que é a identidade negra: “Nós, membros da população negra brasileira – [entendemos] como negro todo aquele que possui na cor da pele, no rosto ou nos cabelos, sinais característicos dessa raça”. Outro ponto a destacar na carta é a afirmação de que no Brasil a democracia racial é um mito. Como plano de ação, a carta propõe, dentre outras atividades, lutar por: defesa do povo negro em todos os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais por meio da conquista de: maiores oportunidades de emprego, melhor assistência à saúde, à educação e à habitação; reavaliação da cultura negra e combate sistemático à sua comercialização, folclorização e distorção e por fim, liberdade de organização e de expressão do povo negro.

Neste sentido, as temáticas que afloram de discussões sobre a identidade étnico-racial de matriz africana e a inserção do pensamento artístico neste contexto, felizmente tem ganhado cada vez mais espaços nas reflexões da atualidade. No entanto, ainda estamos distantes de um terreno ideal em que as questões étnico-raciais habitem o cotidiano acadêmico-artístico-pedagógico tão necessário para o fortalecimento de um pensamento antirracista nos âmbitos dos saberes. Assim, entendimentos artístico-acadêmicos sobre a presença negra como potência nas artes contribuem para a permanência e o fortalecimento de um discurso político sobre uma justiça epistêmica referente às africanidades nas artes.

A conversa entre os textos deste dossiê *Poéticas Negras: afrobrasileiridades nas Artes* nos aponta para a direção do corpo negro fabulando utopias. Não as utopias da filosofia *brancocêntrica*, mas sim, as nossas! Reais e concretas que dialogam no sentido da partilha do tanto de vivido, do acúmulo de experiências e do transbordamento de diferentes saberes sobre o corpo negro

nas artes. Nossas utopias estão no horizonte do presente. Do hoje, são pesquisas do agora, juntas denotam a efervescência das muitas encruzadas em que nos posicionamos: arte, cultura, educação, política, história. O corpo negro em movimento como eixo central, a potência da criação artística contribuindo para o combate ao racismo em âmbito acadêmico-artístico-pedagógico. Seguimos as pistas das corporeidades negras que estão fabulando possibilidades múltiplas e novas perspectivas para questões antigas. Essa grande marca da arte negra contemporânea, importantíssima e mobilizadora de inúmeras engrenagens que se fazem espiralar atualmente nas discussões das relações étnico raciais. Importantíssima, também, a beleza, a sofisticação e o requinte com que as pesquisadoras-artistas-acadêmicas desvelam seus próprios processos criativos e os comunicam em emocionantes artigos que certamente contribuirão em diversos pontos para pesquisas científicas em artes.

Estamos diante de Textos-Águas que escoam de belas pesquisas e jorram neste dossiê que para nós, corporeidades negras e dissidências, se tornam um documento potente e honesto com nossas idiossincrasias. Éticos, estéticos e políticos, o rigor destes trabalhos e a força da junção de todos eles, são para nós verdadeiro oásis. Textos-Águas confluindo em aquilombamento e afetos que nos movem internamente e nos inspiram nos labores do fazer artístico-acadêmico-pedagógico. Escritas que honram o passado, fabulam novos presentes, e presenteiam nossos vindouros futuros com ricas discussões, potência de vida e continuidade.